

Índice

Introdução	13
PARTE I — COMO CHEGAMOS AQUI: A Ascensão das Supermarcas	
1. Como Trump Venceu ao Transformar-Se na Marca Suprema	27
2. Uma Primeira Família Feita de Marcas	45
3. Os Jogos da Fome de Mar-a-Lago	55
PARTE II — ONDE ESTAMOS AGORA: Clima de Desigualdade	
4. O Relógio do Clima Bate a Meia-Noite	71
5. O Apropriador-em-Chefe	89
6. A Política Odeia o Vazio	105
7. Aprender a Amar o Populismo Económico	123
PARTE III — COMO TUDO PODE PIORAR: Os Choques Que aí Vêm	
8. Mestres da Catástrofe: Contornando a Democracia	131
9. A Lista Tóxica de Coisas a Fazer: O Que Esperar quando Se Espera Uma Crise	157
PARTE IV — COMO AS COISAS PODIAM MELHORAR	
10. Quando a Doutrina do Choque Concita a Resistência	181
11. Quando o <i>Não</i> não Foi Suficiente	199
12. Lições de Standing Rock: Atrever-Se a Sonhar	211
13. Tempo de Saltar: Porque com Pequenos Passos Nada Se Fará	219

CONCLUSÃO: A MAIORIA PREOCUPADA A QUE É POSSÍVEL CHEGAR	243
Posfácio: Manifesto do Salto	253
Agradecimentos	259

INTRODUÇÃO

Choque.

É uma palavra que se tem usado muito desde que Donald Trump foi eleito, em novembro de 2016, para descrever um resultado eleitoral que as sondagens não previram, para descrever o estado emocional de muita gente que assiste à sua ascensão ao poder, e para descrever a sua abordagem de tipo guerra-relâmpago ao processo político. Na realidade, um “choque para o sistema” é precisamente o modo como Kellyanne Conway, conselheira de Trump, tem repetidamente descrito a nova era.

Há quase duas décadas que estudo choques sociais em larga escala — o modo como acontecem, como são explorados por políticos e grandes empresas, e até como são deliberadamente aprofundados para se obter vantagens sobre uma população desorientada. Também me pronunciei sobre o outro lado deste processo: como as sociedades que se unem em torno duma interpretação duma crise partilhada podem mudar o mundo para melhor.

Ao observar a ascensão de Donald Trump, tive uma estranha sensação. Não se trata apenas de ele estar a aplicar políticas de choque à mais poderosa e bem armada nação do mundo. É mais do que isso. Em livros, documentários e reportagens de investigação, eu documentei uma série de tendências: a ascensão de Supermarcas, a crescente influência das grandes fortunas sobre o sistema político, a imposição global do neoliberalismo, muitas vezes servindo-se do racismo e do medo do “outro” como poderosos instrumentos, os impactos prejudiciais do comércio livre defendido pelas sociedades anónimas, e o domínio que a negação das alterações climáticas alcançou no lado direito do espectro político. E à medida que fui investigando Trump, ele começou a pare-

cer-me semelhante ao monstro de Frankenstein, algo construído com pedaços de todas essas e muitas outras tendências perigosas.

Há dez anos publiquei *A Doutrina do Choque: A Ascensão do Capitalismo de Desastre*, uma investigação que atravessa quatro décadas de História, do golpe de Augusto Pinochet no Chile à Rússia após o colapso da União Soviética, de Bagdade sob o “Choque e Pavor” do ataque americano a Nova Orleães depois do furacão Katrina. A expressão “doutrina de choque” descreve a tática brutal de usar de forma sistemática a desorientação do público na sequência de um choque coletivo — guerras, golpes de Estado, ataques terroristas, colapsos bolsistas ou catástrofes naturais — para implementar radicais medidas pró-societárias, a que frequentemente se chama “terapia de choque”.

Embora em certos aspetos Trump ignore o modelo, as suas táticas de choque seguem de facto um guião, que é bem conhecido em nações nas quais, a coberto de crises, foram impostas rápidas mudanças. Na primeira semana de Trump no cargo, enquanto ele assinava aquele maremoto de decretos e as pessoas andavam de cabeça à roda, num esforço diabólico para não perderem o fio à meada, eu dei por mim a pensar na descrição que a defensora dos direitos humanos Halina Bortnowska fez da vida na Polónia quando os Estados Unidos impuseram a terapia de choque económico no seu país, a meio do colapso do comunismo. Ela descreveu a velocidade da mudança por que o seu país passou como “a diferença entre os anos dos cães e os dos humanos”, e observou que “começámos a testemunhar reações meio psicóticas. Não se pode esperar que as pessoas ajam em função dos seus próprios interesses quando estão tão desorientadas que já não sabem — ou não querem saber — que interesses são esses”.

Pelo que temos visto até agora, parece evidente que Trump e os seus principais conselheiros estão à espera do tipo de resposta descrito por Bortnowska, que estão a tentar implementar a doutrina do choque nos Estados Unidos. O seu objetivo é uma guerra geral à esfera pública e ao interesse público, seja eliminando as leis antipoluição ou os programas contra a fome. No lugar daquelas termos o poder e a liberdade sem peias para as sociedades anónimas. Este programa político é tão flagrantemente injusto e tão manifestamente corrupto que só pode ser implementado com a ajuda do dividir-para-reinar das políticas de identidade sexual e racial, assim como pelo espetáculo contínuo da distração mediática. E é claro que esse programa tem sido acompanhado por um aumento massivo dos gastos militares, por uma forte escalada de

conflitos bélicos em múltiplas frentes, da Síria à Coreia do Norte, a par das meditações presidenciais do género “a tortura funciona”.

O facto de o governo Trump ser formado por multimilionários revela-nos muito sobre os objetivos subjacentes da sua administração. A ExxonMobil na secretaria de Estado, a General Dynamics e a Boeing à frente do Ministério da Defesa. E os tipos do Goldman Sachs para praticamente tudo o resto. O punhado de políticos de carreira que foram colocados à frente dos institutos públicos parecem ter sido escolhidos por não acreditarem na missão de fundo desses mesmos institutos, ou por acharem que nem sequer deviam existir. Steve Bannon, o estratega-chefe de Trump, entretanto afastado, foi muito claro a este respeito num discurso diante dum auditório de conservadores, em fevereiro de 2017. O objetivo, disse ele, era “desconstruir o Estado administrativo” (querendo com isto dizer os regulamentos e os institutos públicos cuja função é proteger as pessoas e os seus direitos). E, acrescentou, “se olhar para as pessoas nomeados para o governo, verá que foram escolhidas por um motivo, que é a desconstrução”.

Muito se tem falado do conflito entre o nacionalismo cristão de Bannon e o transnacionalismo dos assessores mais institucionais de Trump, particularmente o seu genro Jared Kushner. E é possível que Bannon venha a ser totalmente excluído deste sangrento *reality show* (algo que até pode já ter acontecido quando este livro for publicado). Daí ser importante sublinhar que, no que concerne à destruição do Estado e à externalização do máximo de serviços que for possível, Bannon e Kushner não estão em conflito, mas em perfeita sintonia.

À medida que isto se desenrola, parece-me que o que está a acontecer em Washington não é a costumeira passagem de testemunho entre partidos. É pura e simplesmente a ocupação do Estado por parte das grandes empresas, a qual tem vindo a ser forjada há várias décadas. Dir-se-ia que os interesses económicos, que durante muito tempo financiaram os dois grandes partidos para que estes cumprissem as suas ordens, decidiram que estão cansados desse jogo. Aparentemente, toda aquela estratégia de cativar representantes eleitos, todas aquelas adulações e subornos legalizados eram uma afronta às prerrogativas divinas de que se julgam credores. De modo que agora decidiram eliminar os intermediários — aqueles pobres políticos que supostamente existem para proteger o interesse comum — e fazerem aquilo que todo o manda-chuva faz quando quer as coisas feitas como deve ser: estão a fazê-las pessoalmente.